

## Rana perezi Seoane, 1885

### Rã-verde

Rana común, Green Frog

#### TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

O género *Rana* encontra-se difundido por quase todo o mundo exceptuando-se as regiões polares, a Austrália, a Nova Zelândia, as regiões temperadas da América do Sul e vários grupos de ilhas (García-París et al., 2004). Na região Paleártica, as espécies orientais são monofiléticas com as ocidentais. Apesar de a origem das espécies ocidentais do Paleártico ainda não ser clara, admite-se que tenham resultado da dispersão de um ancestral asiático há cerca de 15 milhões de anos, durante o Mioceno médio (Lymberakis et al., 2007).

Actualmente, ocorrem três linhagens principais no Paleártico Ocidental, sendo a mais antiga a que existe na Península Ibérica (*Rana perezi*) e Norte de África (*R. saharica*) (Lymberakis et al., 2007). A separação entre *R. perezi* e *R. saharica* data de há cerca de 5,4 milhões de anos, o que coincide com a abertura do estreito de Gibraltar (Buckley et al., 1994).

Embora apresente uma variabilidade genética muito elevada (Hotz et al., 1995), não se encontram descritas subespécies para *R. perezi*. Num trabalho de revisão, Frost et al. (2006), reconhece o género *Rana* como um agrupamento inconsistente e sugere restringir o seu uso apenas às rãs castanhas.

Por esta razão, propõe a adopção do género *Pelophylax* Fitzinger, 1843, considerado anteriormente um sub-género, para todas as rãs verdes europeias, incluindo *Rana perezi*. Assim, a rã-verde existente em Portugal passaria a denominar-se *Pelophylax perezi* (Seoane, 1885).

#### DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Ocorre em toda a Península Ibérica e alcança o seu limite setentrional no Sul de França, embora este não se encontre ainda bem definido. Sabe-se que alcança a região de Lyon, a Leste, e a região de La Vendée, a Oeste (García-París, 1997; Llorente & Arano, 1997).

Desconhece-se, no entanto, se chega até à Suíça, bem como o seu limite na zona central da distribuição francesa (Llorente et al., 2002). *Rana perezi* foi alvo de várias introduções que explicam a sua presença nas ilhas Baleares (Mallorca, Menorca, Ibiza e Formentera) (García-París, 2004; Llorente et al., 2002), nas

Canárias (todas as ilhas excepto El Hierro e Lanzarote) (Roca & Perez-Mellado, 1998; López-Jurado, 1998), na Madeira e nos Açores (São Miguel, Faial, Terceira, Santa Maria, Flores e Pico) (Malkmus, 2004e).

#### DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Admite-se que é o anfíbio mais frequente em Portugal Continental, tendo sido, inclusivamente, a espécie mais vezes observada e registada na base de dados deste projecto.

Abundante em todo o território e presente em todas as regiões bioclimáticas, a sua distribuição geográfica é apenas limitada pela elevada altitude (Malkmus, 2004e).

Deste modo, em Portugal Continental, só não foi registada a sua presença acima dos 1860 metros, na Serra da Estrela. No entanto, é muito menos frequente a partir dos 1000 m de altitude (Malkmus, 2004e).

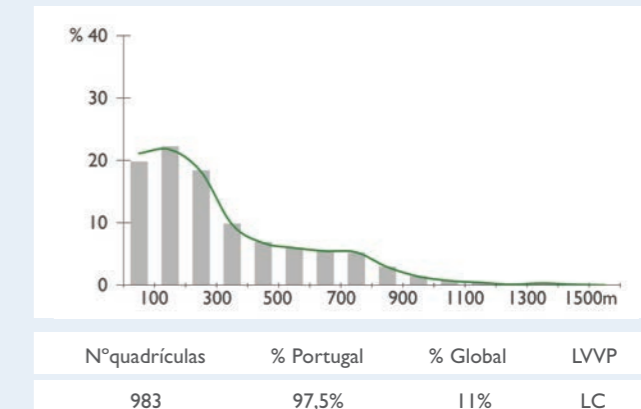
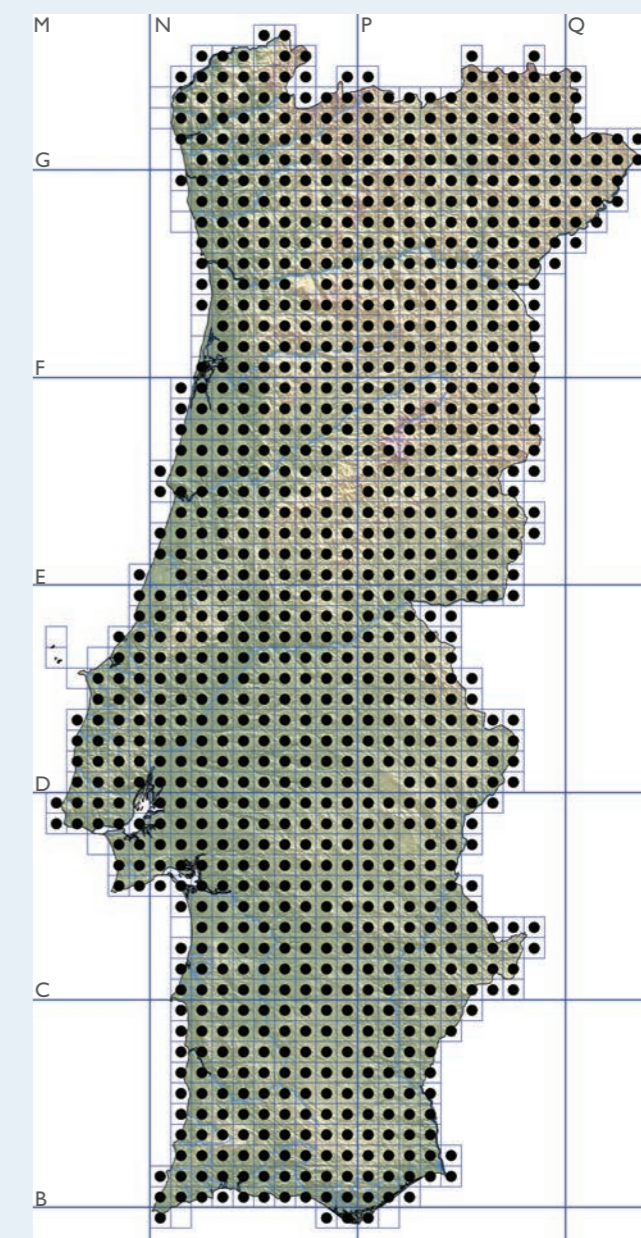
#### CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Muito dependente das massas de água, ocupa praticamente todos os habitats aquáticos (Ferrand de Almeida et al., 2001) o que, a juntar ao facto de ser a espécie mais resistente e com requisitos ecológicos mais tolerantes de todos os dos anfíbios presentes na Península Ibérica (Llorente et al., 2002), se traduz numa situação pouco preocupante ao nível da conservação.

As principais ameaças estão relacionadas com a deterioração e/ou desaparecimento dos habitats aquáticos e com a possibilidade de introdução de outras rãs-verdes europeias, nomeadamente *R. ridibunda* ou *R. lessonae*.

Estas espécies podem dar origem a híbridos com *R. perezi*, conduzindo a uma modificação da estrutura genética das populações parentais (Llorente et al., 2002). Embora não se conheça nenhuma situação deste tipo em Portugal é já um problema reconhecido em vários países europeus, como em Espanha (García-París, 2004; Llorente et al., 2002), França (Pagano et al., 2001) ou Suíça (Vorburger & Reyer, 2003).

Raquel Ribeiro



PhG



PhG



AL